

“Marcha da família com Deus pela liberdade”: o protesto, o triunfo e o movimento

Leonardo Alvarenga*

Nelson Lellis**

Vanessa Palagar***

Resumo

O presente texto tem como objetivo, à luz do pensamento halbwachiano, apresentar informações sobre o Orvil, o perfil de seus autores, o binômio aliados/opositores, e um dos mais importantes eventos ocorridos e descritos no documento: a *Marcha da Família com Deus para a Liberdade*. Em segundo plano, analisar como o Orvil tem sido discutido como espécie de “novo arquétipo da cultura política brasileira” e, ao mesmo tempo, uma semente da guerra cultural no contexto brasileiro atual.

Palavras-chave: Orvil; Guerra Cultural; Marcha da Família; Brasil; Política.

“Marcha da família com Deus pela liberdade” (family march with god for freedom): the protest, the triumph and the movement

Abstract

The object of the text, in the light of the halbwachian thought, is to present information about Orvil, the profile of its authors, the binomial allies/opposers, and one of the most important events occurred and described in the document: the *Marcha da Família com Deus para a Liberdade* (Family March with God for Freedom). In the background, to analyze how Orvil has been discussed as a kind of «new archetype of Brazilian political culture» and, at the same time, a seed of the culture war in the current Brazilian context.

Keywords: Orvil; Culture War; March of the Family; Brazil; Politics

“Marcha da família com Deus pela liberdade” (marcha familiar com dios por la libertad): protesta, triunfo y el movimiento

Resúmen

El presente texto pretende, a la luz del pensamiento halbwachiano, presentamos información sobre Orvil, el perfil de sus autores, el binomio aliados/opositores, y uno de los hechos más importantes ocurridos y descritos en el documento: la *Marcha da Família com Deus para a Liberdade* (Marcha de la Familia con Dios por la Libertad). De fondo, analizar cómo el Orvil ha sido discutido como una especie de “nuevo arquétipo de la cultura política brasileña” y, al mismo tiempo, semilla de la guerra cultural en el contexto brasileño actual.

Palabras-clave: Orvil; Guerra Cultural; Marcha de la Familia; Brasil; Política.

* Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP/EHESS). Membro do Grupo de Pesquisa Paul Tillich; Crelig e do NuPEQ. E-mail: alvarengalg2@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8895925056543539>

** Doutor em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF); Membro do grupo de pesquisas CRELIG. E-mail: nelsonlellis@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8929607194487987>

*** Doutora em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Membro do grupo de pesquisas CRELIG. E-mail: vanessapalagar@yahoo.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3133213938796305>

1. Introdução

“Quem controla o passado, controla o futuro.”
(George Orwell)

Jean Duvignaud, em seu prefácio a uma das obras mais conhecidas de Maurice Halbwachs, historiador francês, cujo eixo central e de coerência é a questão da “memória social”, afirmou que

A consciência jamais está encerrada em si mesma, não é vazia nem solitária. Somos arrastados em inúmeras direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e da experiência coletiva histórica. Isso talvez explique por que razão, nos períodos de calma ou de momentânea imutabilidade das “estruturas” sociais, a lembrança coletiva tem menos importância do que em períodos de tensão ou de crise – e aí, às vezes se torna “mito” (2003, p. 13).

A memória ou a lembrança é uma forma de nos situarmos em meio a um momento de crise e variações. Daí o mito, como narrativa social e determinada pelo tempo vigente, para dar sentido a determinados grupos e se eximirem de qualquer culpa. Essa ferramenta teórica nos auxilia na interpretação de um documento que fora redigido na segunda metade da década de 1980 na tentativa de reescrever a história da ditadura civil-empresarial-militar com objetivo de identificar os inimigos do país e exaltar os heróis da história – segundo a visão de seus criadores.

Tudo ocorre a partir de 1964: deu-se início à ditadura civil-militar onde 434 pessoas (identificadas) foram mortas e várias outras sofreram torturas. Além de tais ações, o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que suspendeu direitos políticos de milhares de brasileiros e que dava poder ao presidente da República para censurar obras culturais, cassar mandatos eletivos, destituir funcionários públicos (incluindo juízes) etc. Com a Constituição de 1988, a Carta Magna trazia uma nova promessa de aprofundamento da democracia, ao contrário do que pensava o Centro de Informações do Exército (CIE).

A partir da redemocratização, o CIE iniciava uma nova configuração em seus Relatórios Periódicos Mensais para a formação da tropa. A ideia era confeccionar um projeto secreto apresentando ao público interno as ameaças que o Brasil sofria, dentre elas, o comunismo. Orvil foi o nome dado a esse documento. A narrativa criada no referido documento pelos autores e memorialistas – que no sentido halbwachiano segue o sentido de frente para trás – é a tentativa de legitimar o *regime militar* deixando rastros possíveis para reencenações de eventos e/ou modelos semelhantes daquele governo. O recurso a uma tradição é também uma maneira de tentar racionalizar e legitimar práticas suspeitas.

Este é o caso do emblemático documento que durante 20 anos só tinha 15 cópias, cujo conteúdo foi revelado apenas em 2009, tendo sua primeira publicação em 2012 pela editora Schoba, que apresenta como valor: “Acreditamos que todas as pessoas devam divulgar suas ideais através de um livro. É a melhor maneira de difundir sua *percepção sobre o mundo*”¹ (grifo nosso). O livro, como dito, trata-se de uma reinterpretação da história compreendida entre os anos de 1964 e 1985, época em que a classe civil-empresarial-militar deu um golpe na democracia brasileira com intuito de “protegê-la” das ameaças que supostamente circundavam o país. Este documento é denominado de forma emblemática “ORVIL”, que de trás para frente é LIVRO.

A religião entra em cena como importante ferramenta nesse livro, uma vez que se pretendia potencializar, a partir de seus discursos (pregações), ações e dogmas (à serviço da política), valores instituídos tradicionalmente, como em um campo de disputa, para dar sentido à narrativa e estabelecer aliados e opositores, heróis e vilões. Neste caso, veremos no presente artigo, as ações urbanas, como marchas protagonizadas por movimentos de fé. E, por fim, observar como tais medidas ainda são evocadas na esfera pública com interesse de oferecer eco à história *recriada*.

¹ Disponível em: <<https://editoraschoba.com.br/sobre-a-editora/>>. Acesso em: 15/07/2021.

2. Orvil e a igreja católica²

Entre os anos de 1986 e 1989, houve iniciativa de uma junta militar ultraconservadora, que teve à frente o então ministro do exército Leônidas Pires Gonçalves. Este documento fazia parte de um projeto com intuito de fazer uma revisão da narrativa do livro *Brasil: nunca mais*³ (que é resultado de um projeto clandestino desenvolvido por Dom Paulo Evaristo Arns, pelo rabino Henry Sobel, pelo pastor presbiteriano Jaime Wright [e sua equipe], e que durou entre os anos 1979 a 1985 para documentar a extensão da repressão política no Brasil). O livro (*Brasil: nunca mais*) teve sua primeira publicação em julho de 1985 e contou com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), o que permitiu fotocopiar, à época, 707 processos (mais de um milhão de páginas) arquivados pelo Superior Tribunal Militar (STM).

Em relação ao Orvil, assinam como autores (ambos da reserva do Exército Brasileiro) o tenente José Conegundes do Nascimento e o tenente-coronel Lício Augusto Ribeiro Maciel, que foi um dos primeiros denunciados pelo Ministério Público Federal por crimes cometidos durante a ditadura civil-militar. À época, fazendo referência à Guerrilha do Araguaia, confessou: “Eu não fui para a Escola Militar para ser engenheiro ou poeta. *Fui para matar gente*”⁴. Em 2014, ao ser convocado para depor na Comissão Nacional da Verdade (CNV), o tenente José Conegundes declarou: “[...] não vou comparecer. Se virem. Não colaboro com *inimigo*”⁵.

O projeto Orvil, cujo conteúdo é a base de defesa (e ataque) para o posicionamento dos autores, inclusive na CNV, foi consolidado em parte, visto que depois de pronto foi impedida sua publicação pelo então presidente José Sarney. Todavia, algumas cópias foram distribuídas de forma precavida entre militares de alta patente e militantes considerados de extrema direita durante a década de 1990 (FESTA, 2020).

No que se refere ao campo religioso, há muitas considerações no texto, como por exemplo, citação de autores cujas obras estariam instrumentalizando setores de igrejas católicas (e também protestantes/evangélicas) com “ideologia comunista”, como as de Louis Althusser, Karl Barth, Joseph Pierre Comblin, Gustavo Gutiérrez e do próprio Karl Marx. Além disso, movimentos que apontavam para uma teologia pública dentro de um espaço ecumênico e da Teologia da Libertação, cuja maior crítica recaía em sua influência marxista. O documento também busca associar eventos internacionais destacando o clero latino-americano “progressista” com “atuação de padres estrangeiros na *subversão*” (grifo nosso).

Importantes nomes do clero católico são citados, como D. Evaristo Arns, D. Hélder Câmara, D. Antônio Fragosa e D. Pedro Casaldáliga, que teriam um bom trânsito com religiosos na Itália – o que estaria facilitando publicações de materiais sobre o Brasil junto à Secretaria de Estado do Vaticano. Dom Evaristo Arns, por exemplo, foi classificado no Orvil como líder do “clero dito ‘progressista’” e gerador de um “clima de revolta no meio estudantil”, “era o próprio ‘fermento na massa’ na sua verdadeira expressão” e que desencadearia revoltas populares. De acordo com o documento em questão, havia o setor progressista da igreja católica, cujo projeto ideológico tinha como foco a “ditadura dos subalternos”. A religião, de acordo com Orvil, produzia uma forte tensão no setor político diante do assunto que protagonizava esse período (e que podemos afirmar ser um forte desdobramento do teor da Guerra Fria): a guerra contra o comunismo.

Portanto, o conteúdo que envolve a religião no documento diz respeito ao ataque da aproximação entre igreja e marxismo, em especial a Teologia da Libertação. O termo que aparece frequentemente para descrever as intenções e fundamentos dessa aproximação é o “Reino de Deus na Terra”:

² Embora o Orvil não faça referência apenas à igreja católica, mas também ao segmento protestante/evangélico, o livro/documento apresenta a igreja católica como protagonista no movimento que aqui analisamos. Portanto, o foco deste artigo recai sobre ela.

³ Em 2014 ultrapassou a quadragésima edição pela ed. Vozes e está entre os livros mais vendidos na área de História do Brasil pela plataforma *Amazon*.

⁴ Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cinema/Os-carrascos-do-Araguaia-e-os-de-hoje/59/47555>>. Acesso em: 15/07/2021.

⁵ Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/participacao/noticiasmedia/direitos-humanos/1101-se-virem-nao-colaboro-com-inimigo-diz-militar-a-comissao-da-verdade>>. Acesso em: 15/07/2021.

Em quase todos os trabalhos em que a influência marxista se faz presente, há um aspecto comum a pretensão de identificar o “socialismo com o Reino de Deus na Terra”. Essa associação de ideias surgiu logo após a primeira Guerra Mundial, apresentada por Karl Barth, teólogo protestante de grande influência e um dos primeiros que começaram a construir pontes entre o cristianismo e o marxismo. Barth defendia esse elo, baseado em sua tese de que ambos teriam a mesma finalidade: a construção de uma nova sociedade. Barth, que era membro de um partido socialista-marxista, pretendeu com sua tese aproximar estas duas visões do futuro feliz na Terra. (NASCIMENTO e MACIEL, 2012, p.138).

Todo esse argumento encontra-se na seção “Influências marxistas na Igreja”. No contexto, os autores se referem ao grupo de teólogos que se reuniram na cidade de Petrópolis-RJ com o intuito de discutir problemas da população latino-americana. Acusados de criar uma “nova teologia” “centrada no homem”, “teologia antropocêntrica”, também foram tachados de pretenderem “reduzir o estudo teológico à sociologia, ou à política -, e que em pouco tempo assumiria o caráter de uma ideologia política e profana” (NASCIMENTO e MACIEL, 2012, p. 137-138). Outros teólogos são destacados: Joseph Pierre Comblin e Gustavo Gutiérrez que através de “suas concepções marxistas, voltariam a se reunir em 1965 e 1966 na II Assembleia Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano (CEU\H), realizada em Medellín, Colômbia, no ano de 1968.

Voltando ao elemento do “Reino de Deus na Terra”, sobre o qual argumentam o elo entre igreja e marxismo, o documento Orvil alega que seria uma questão de semântica:

O que os cristãos chamam de “Reino de Deus na Terra”, os comunistas chamariam de “sociedade socialista”. Se ambos têm o mesmo objetivo, devem trabalhar juntos para alcançá-lo. Ademais, procuram convencer os cristãos de um dos seus dogmas: que o único caminho que leva a esse fim é a revolução marxista-leninista. Donde se conclui que os cristãos devem comprometer-se com essa revolução. (NASCIMENTO e MACIEL, 2012 p. 138).

Mesmo que este elemento do Reino de Deus esteja em destaque, o Orvil argumenta que a influência marxista na teologia tem outra razão de existir. Para tanto, fazem um paralelo com o partido judaico dos saduceus, presente nas narrativas bíblicas do Novo Testamento, e ecoada séculos mais tarde:

A influência marxista na teologia não se restringe à ideia do Reino de Deus na Terra. Começa, na verdade, com o “saduceísmo do século XX”, isto é, o revigoramento da ideia dominante na seita judia dos saduceus, que não acreditavam na ressurreição, sendo que a corrente “saduceia” moderna nega a existência da vida eterna, depois da morte! (NASCIMENTO e MACIEL, 2012, p.138)

Fica evidente que este recurso à tradição, como forma de enquadramento da memória (HALBWACHS, 2003) e silenciamento dos fatos (POLLACK, 1989) denunciados pelo *Brasil: Nunca mais*, tem um sentido claro de sustentar uma religiosidade idealista, ou seja, com menos ações políticas e concretas. Com isso, classificaram esse posicionamento como “cristianismo ateu”, ou seja, um cristianismo interessado apenas em um movimento laico revolucionário. Livrar o povo judeu da dependência romana se equiparava a “livrar o povo da opressão e exploração das estruturas capitalistas”. Sem aprofundar, o Orvil acusa outras correntes teológicas vinculantes ao marxismo na igreja, como: “cristianismo horizontal”, a “fé sem religião”, “cristianismo sem mitologia e cristianismo marxista”. O tom não é de densa análise documental e bibliográfica, mas carregado de militância. Presta-se mais a um julgamento passional, com intuito de desqualificar e/ou demonizar seu antagonista (nos termos de Chantal Moufee [2015]). Reforça essa hipótese o fato de no próprio documento assumir que não passa de uma “tradução simplista”.

Por fim, o Projeto Orvil faz questão de afirmar que, por influência do marxismo, uma “nova Igreja” se levanta e tanto apoia quanto participa de “organizações subversivas e atos terroristas”.

3. A “Marcha para a família com Deus pela Liberdade” como protestos e triunfo

A relação do Orvil com a “Marcha para a família com Deus pela Liberdade” repousa exatamente na grande influência que a religião católica possuía, em seu segmento mais conservador, diante das temáticas que compõem o próprio título da marcha. Sendo um documento que, de acordo com a seção anterior, também discute a ameaça comunista e, portanto, ateia, nada mais potente que a própria igreja se erguer como escudo e espada para combater o que poderia ser uma tentativa de tomada de poder.

Esse movimento foi justamente uma resposta ao comício de João Goulart, realizado no Rio de Janeiro, em 13 de março de 1964, cujo conteúdo tratava de seu programa político de reforma – tão combatido pela direita e por religiosos por ser identificado como esquerdista. Em contrapartida, “cada família da Zona Sul da cidade respondia à convocação de se acender uma vela pelo afastamento do país das aspirações comunizantes. Mulheres de São Paulo se reuniram e rezaram o terço na Sé” (PRESOT, 2004, p. 57). Em resposta, Goulart afirmou: “exploram os sentimentos cristãos do povo na mistificação de um anticomunismo” e na declaração de que “os rosários não podem ser levantados contra a vontade do povo e suas aspirações mais legítimas” (PRESOT, 2004, p. 57). Seu discurso fora interpretado como uma ofensa à fé católica.

Posteriormente, a deputada Conceição da Costa Neves sugeriu o nome “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”⁶ pelo desagravo ao Santo Rosário (Imagem 1). E no comunicado lido no dia da manifestação, a palavra “comunismo” foi ressaltada:

O povo está cansado das mentiras e das promessas de reformas demagógicas. Reformas sim, nós a faremos, a começar pela reforma da nossa atitude. De hoje em diante os *comunistas* e seus aliados encontrarão o povo de pé. [...] Com Deus, pela Liberdade, marcharemos para a Salvação da Pátria!⁷ (Grifo nosso)

Além de leituras, uma outra importante forma de comunicação e protesto fez parte da marcha: os cartazes. Entre muitos deles, estavam dizeres como: “Vermelho bom, só batom”; “Um, dois, três, Brizola no xadrez”; “Verde Amarelo, sem foice e sem martelo”; “Tá chegando a hora, de Jango ir embora”; “O Kremlin não compensa”; “Abaixo o entreguismo vermelho”; “A melhor reforma é o respeito à lei”; “Chega de palhaçada, queremos governo honesto”.⁸ Entendendo a importância do impacto visual causado pela marcha, nesta seção, selecionamos imagens, disponíveis em fontes digitais, com objetivo de ajudar a documentar os protestos que ocorreram e as chamadas públicas para os mesmos. As imagens coletadas conseguem ilustrar minimamente o “clima” e todo o simbolismo das marchas que lograram seu objetivo de pressionar social e politicamente o Governo Jango.

Diante da política que era classificada como ameaça comunista e fortes manifestações de religiosos “progressistas” na sociedade reforçando essa “ideologia”, era necessária uma resposta que traduzisse o que o Orvil chamou de “A vitória da democracia”. Trata-se da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” (Imagem 1). Transcrevemos a seção:

Quando, no dia 30 de março, uma segunda-feira, o Sr. João Goulart se dirigiu ao Automóvel Clube do Rio de Janeiro para falar a uma assembleia de sargentos, o desencadeamento da Revolução já estava decidido. Recebida no domingo a decisão do Comandante do II Exército, que até a última hora insistira com o Presidente para que depurasse seu governo dos comunistas, o dispositivo revolucionário estava pronto. O início do movimento foi marcado para a noite de 2 para 3 de abril, após a realização de uma concentração popular prevista para o Rio de Janeiro naquela quinta-feira.

Por razões diversas, porém, o movimento revolucionário foi antecipado em Minas Gerais e, na madrugada do

⁶ Disponível em: <<https://memoria.etc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0>>. Acesso em: 29/08/2022.

⁷ Disponível em: <<https://memoria.etc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0>>. Acesso em: 29/08/2022.

⁸ Disponível em: <<https://memoria.etc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0>>. Acesso em: 29/08/2022.

dia 31 de março, as tropas ali sediadas começaram a marchar em direção ao Rio de Janeiro. No encontro dessas forças com as tropas do I Exército, que se deslocaram para barrá-las, não houve o primeiro tiro. Depois dos instantes dramáticos iniciais, confronto esgotou-se em diálogos de persuasão e em gestos de confraternização. Episódio semelhante ocorreria no ponto de encontro das tropas dos I e II Exércitos no eixo Rio-São Paulo. Pelo meio da tarde de quarta-feira, tudo estava terminado. Ruíra o dispositivo militar do Presidente. Ninguém moveu ou esboçou resistência em defesa de Goulart, ou de suas reformas.

Na tarde do dia 2 de abril de 1964, mais de um milhão de pessoas lotavam as ruas e praças centrais do Rio de Janeiro. A população irmanada – operários, estudantes, senhores idosos e crianças, todas as profissões, todas as categorias sociais e todos os credos – reunia-se na maior manifestação popular que o Brasil jamais vira. Chuvas de papéis picados, jogados dos edifícios, atapetavam de branco as ruas e calçadas. Bandeiras brasileiras coloriam o espetáculo. Faixas repudiavam o comunismo. Em cima dos carros, pessoas carregavam flores, rejubilando-se pela vitória da democracia. Os jornais do dia saudaram a retomada da democracia. As rádios e canais de televisão cobriam a manifestação, transmitindo, para todo o País, os discursos inflamados.

Era a “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, um movimento de cunho nacional em defesa do regime e da Constituição e que já se realizara, com êxito, em São Paulo, Belo Horizonte, Santos e Porto Alegre. Programada com antecedência, no Rio de Janeiro, transformara-se, de protesto contra o caos do governo anterior, em júbilo pela vitória da democracia. (NASCIMENTO e MACIEL, 2012, p. 111-112)



Imagem 1 – Marchadeiras com Rosário

Fonte: Memorial da Democracia, 2015-2017.⁹

A seção 8, do capítulo II, traz como título “Vitória da Democracia”. A narrativa apresenta, em sua versão, uma comoção dos brasileiros com o êxito do movimento contra o comunismo, como se tivessem sido salvos de um inimigo aterrorizante. As outras vezes que o slogan da Marcha aparece estão sempre em um contexto triunfante, porém, sem dispensar o grito pelo fim das mazelas do governo anterior. Uma das partes emblemáticas consta em uma página preto e branco, de uma aglomeração com bandeiras do Brasil escrito em caixa alta: “O REGOZIJIO PELA VITÓRIA PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA DE 31 DE MARÇO DE 1964 - MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE”, com local e data: Rio de Janeiro, 02 de abril de 1964.

⁹ Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-reage-com-deus-contrajango>>. Acesso em: 31/07/2021.

**BRASILEIROS
DEMOCRATAS
PATRIOTAS
HOMENS E MULHERES
MÔÇAS E RAPAZES**

Irmãos de tôdas as condições sociais e de todos os credos: venham para as ruas repudiar o comunismo totalitário e antihumano. Marchemos lado a lado, com Deus e com o espírito dos nossos heróis da liberdade! Compareçam AMANHÃ, ÀS 16 HORAS, na Candelária, à

MARCHA DA FAMÍLIA
com Deus pela Liberdade

Apostolado da Oração
Assembléia de Deus
Associação Cristã de Moços
Associação das Antigas Alunas do Sacre-Coeur de Jesus
Associação das Donas de Casa
Associação das Senhoras Brasileiras
Associação de Pais de Família
Associação de Pais e Mestres
Campanha da Mulher Pela Democracia (CAMDE)
Círculos Operários Católicos
Clube da Liberdade
Clube do Otimismo
Confederação Católica Arquidiocesana do Rio de Janeiro
(Com tôdas as suas Associadas e Obras (1573)
Congregação de Belém
Cruz Vermelha Brasileira
Cruzada do Rosário em Família
Falange Patriótica
Federação de Associações Católicas
Federação de Assistência dos Lázarus e Defesa Contra a Lepra
Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino
Federação dos Servidores do Estado da Guanabara
Frente da Juventude Democrática
Frente Democrática dos Bancários
Frente de Renovação Política Feminina
Grupo de Ex-Combatentes da F.E.B.
Grupo de Desagravo ao Rosário
Instituto Social
Liga da Defesa Nacional
Liga Democrática das Mães Fluminenses
Marítimos Democratas Fluminenses
Movimento Cristão Brasileiro
Movimento de Reafirmação Democrática Brasileira
Rêde das Entidades Democráticas
Serviço Social Católico de Niterói
Sociedade Cristo Redentor
Sociedade Sahara
União Cívica de São Paulo
União Nacional de Associações Familiares

AMANHÃ ÀS 16 HORAS, saindo da Praça da Igreja da Candelária para a Esplanada do Castelo.

IP

Imagem 2 - No Jornal do Brasil, no dia primeiro de abril de 1964, saiu a convocação da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*.

Fonte: ALVES e STANCKI, 2015.

A Imagem 1 nos remete à expressiva participação feminina nas Marchas, como representantes da família e de setores religiosos. Pode-se ver exposto, ainda no site *Memorial da Democracia*, o título da matéria sobre o protesto “*Marcha reage ‘com Deus’ contra Jango: de rosários nas mãos, setores da classe média protestam contra ‘perigo comunista’*”. Esta imagem foi registrada durante o ato no dia seguinte após a deposição do Presidente Jango. Nela se percebe uma clara mensagem: que a Marcha da Família de 1964 anunciou o triunfo sobre a ameaça comunista através do Governo João Goulart.

A *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* foi uma sucessão de eventos do mesmo tipo que ocorreu durante um determinado período do ano 1964, percorreu as principais cidades e capitais brasileiras, como em São Paulo, Belo Horizonte, Maceió, Natal, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro. Esses eventos reuniam grupos civis, políticos e religiosos conservadores em prol de uma pauta em defesa da família, da fé, da democracia, da liberdade, da pátria, da moral e da ordem, que julgavam fortemente ameaçadas pelo governo trabalhista de João Goulart (CORDEIRO, 2021; PRESOT, 2004).

Presot (2004) realizou um levantamento de 69 marchas ocorridas entre os meses de março e junho de 1964. O protesto de 19 de março, na capital paulista, reuniu cerca de 500 mil pessoas na Praça da República e abriu as manifestações dias antes do Golpe Civil Militar e que tomariam conta das ruas de várias cidades. As Marchas, enquanto protestos organizados, se manifestaram diversamente: foram realizadas reuniões com associações civis e religiosas, “comícios preparatórios”, desfiles, romarias e passeatas sob rubrica ora de caráter reivindicatório ora como autêntico movimento de celebração à vitória do golpe e em apoio ao governo militar.

Na Imagem 2 pode-se observar os grupos ou associações sociais, religiosas e cívicas que confirmavam a convocação do protesto no Rio de Janeiro, com forte apelo

religioso e contra a ameaça comunista que sondava com a permanência das reformas trabalhistas do Governo Goulart, expressa no trecho: “venham para as ruas repudiar o comunismo totalitário e anti-humano. Marchemos lado a lado, com Deus e com o espírito de nossos heróis da liberdade!”.

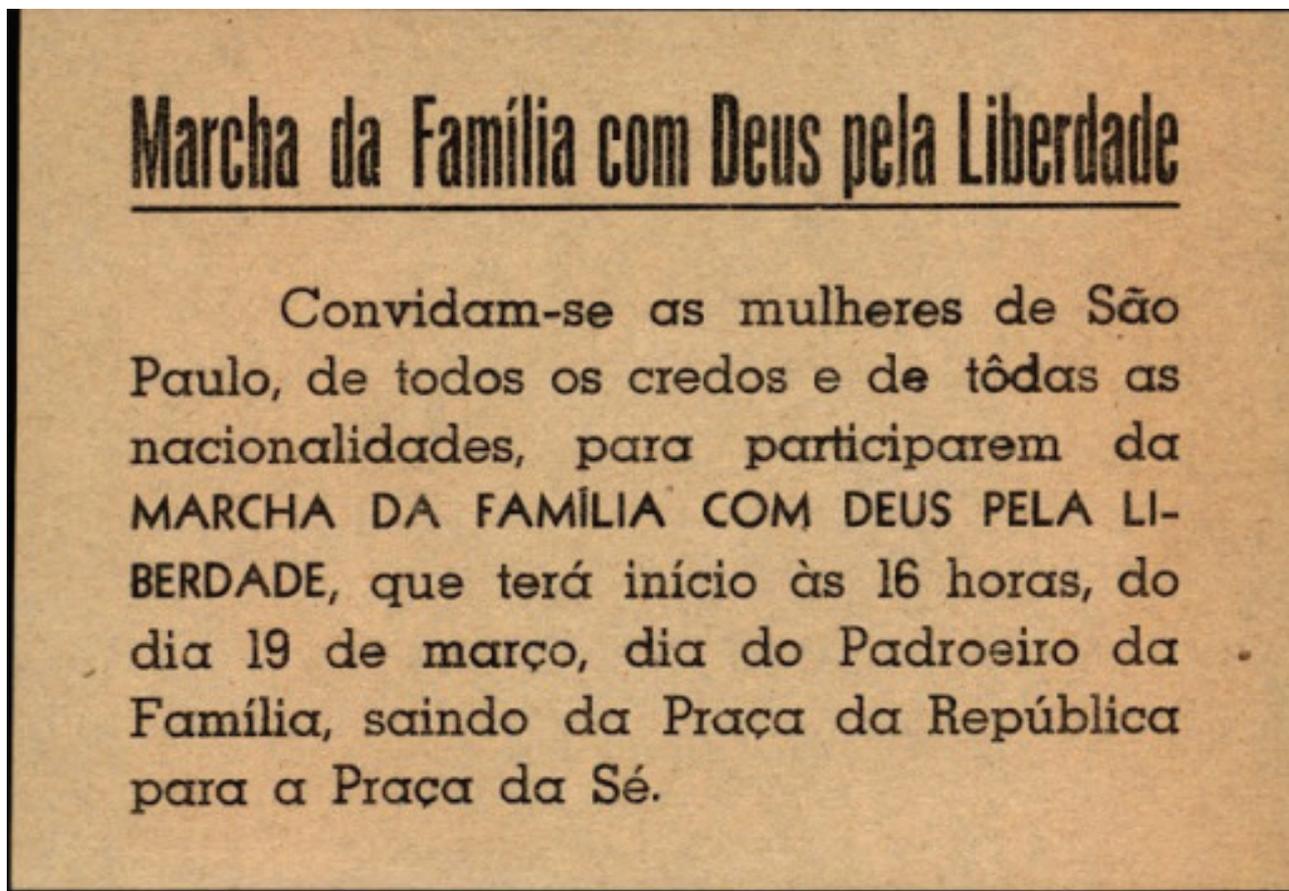


Imagem 3 - Convite às mulheres

Fonte: Memorial da Democracia, 2015-2017.¹⁰

A Imagem 3: um convite direcionado especificamente às mulheres para a Marcha da Família em São Paulo. Esse protesto marcou uma das primeiras manifestações da Marcha e foi amplamente divulgado pelos jornais de São Paulo. Cordeiro (2021, p. 3) chamou essa Marcha de “pioneira” e “representativa do amplo consenso anti-Goulart, antitrabalhistas e anticomunista; a favor da intervenção militar, em defesa da família, de Deus e da liberdade”. Esse protesto foi convocado, como está explícito na imagem (3), no dia do Padroeiro da Família, 19 de março, dia de São José. A convocação é dirigida às mulheres paulistas religiosas “de todos os credos”, apesar da mensagem partir de setores conservadores da Igreja Católica. Convocou-se a participação de outros credos com um objetivo comum, partindo da prerrogativa de que as mulheres eram como guardiãs da moralidade e dos valores religiosos, tão caros à luta anticomunista.

¹⁰ Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-reage-com-deus-contrajango>>. Acesso em: 31/07/2021.



Imagem 4 - Convocação para “MARCHA DA FAMÍLIA Com Deus Pela Liberdade”, 29 de março de 1964 – “Revista Feminina”.

Fonte: marcinhopinho.com, 2018.¹¹

Na Imagem 4, a propaganda anuncia: “Um movimento apolítico que visa apenas a sobrepor-se à invasão e, defender nossos ideais democráticos, nossas crenças, nossos direitos de cidadãos livres”. E transcrevemos a frase mais abaixo, em letras maiúsculas: “COM CORAGEM, COM VEEMÊNCIA, COM FIRMEZA DELIBERADA E INQUEBRANTÁVEL A ESSA IDEOLOGIA CONTRÁRIA AOS NOSSOS

¹¹ Disponível em: <<https://www.marciopinho.com.br/peca.asp?Id=3927925#simple1>>. Acesso em: 01/08/2021.

SENTIMENTOS”. Essa propaganda se encontra na contracapa de uma revista para o público feminino dos anos 60 e indica a relevância das associações cívicas e religiosas femininas que surgiram nas décadas de 1950 e 1960 no panorama geral político brasileiro. Grupos como União Cívica Feminina (UCF), de origem paulista, e uma associação de mulheres da Guanabara intitulada Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE), de origem carioca, entre outras, se mostraram como uma força potente de mobilização e que tiveram grande protagonismo na realização dos eventos que ocorreram no âmbito das Marchas da Família por todo o país. A presença das mulheres nas Marchas da Família esteve envolta ao simbolismo (e/ou estereótipo acerca) do feminino, isto é, encarnou-se o papel do que, nessa perspectiva, lhe era próprio: da mãe enquanto protetora dos costumes, do lar, da família; aquela pertencente ao *privado*, mas que se tornou presente no *público*. A mulher (mãe, religiosa, conservadora) foi transfigurada em símbolo do movimento, verdadeiras representantes do modo de vida, dos valores religiosos e da moral cívica tão almejada para a nação (CORDEIRO, 2021; PRESOT, 2004).



Imagem 5 – A Campanha da Mulher pela Democracia - CAMDE

Fonte: Jornal Infocruzeiro, 2019.¹²



Imagem 6 - Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo, 19 de março de 1964.

Fonte: Memóriasdaditadura.org, 2014.¹³

As Imagens 6, 7 e 8 são fotografias do primeiro protesto ocorrido em São Paulo, já mencionado anteriormente. Nas faixas encontramos dizeres como: “Comunismo não, Democracia sim”, “Deus é a verdade, Democracia é liberdade”, “Queremos governo cristão”, “Verde amarelo, sem foice nem martelo”, “Despertaí povo de Santos”, “Democracia para o Brasil”, “Reformas com o Congresso”, entre outros. Os apelos estampados nas faixas retratam o momento da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* enquanto protesto reivindicatório, pela salvação religiosa e política do país aos auspícios militares.

¹² Disponível em: <<https://jornalinfocruzeiro.com.br/2019/12/24/a-campanha-da-mulher-pela-democracia-camde/>>. Acesso em: 01/08/2021.

¹³ Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/linha-do-tempo/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 31/07/2021.



Imagem 7 - Manifestantes na *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, em 19 de março de 1964 na Praça da Sé, em São Paulo. Fonte: Portal EBC, 2015.¹⁴



Imagem 8 - Marcha da Família reuniu cerca de 500 mil pessoas na praça da Sé, em São Paulo, no dia 19 de março de 1964. Fonte: CPDoc JB/Jornal do Brasil.¹⁵



Imagem 9 – Edição de 20 de março de 1964 do Jornal Folha de S. Paulo, aborda ‘Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade’.

Fonte: Jornal Grande Bahia, 2020.¹⁶

¹⁶ Disponível em: <<https://www.jornalgrandebahia.com.br/2020/03/porta-da-historia-os-idos-de-marco-por-luiz-holanda/>>. Acesso em: 31/07/2021.

As Imagens 9, 10 e 11 retratam a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* como triunfo, trazendo as manchetes nos jornais que saíram nos dias seguintes as duas grandes manifestações, a do dia 19 de março de 1964, em São Paulo, e a conhecida “Marcha da Vitória”, ocorrida no dia 01 de abril do mesmo ano, no Rio de Janeiro. As manchetes “SÃO PAULO PAROU ONTEM PARA DEFENDER O REGIME” e abaixo, em letras menores, “Povo, pela Constituição”, no jornal Folha de São Paulo. No Jornal do Brasil, a manchete: “Passeata de 500 mil em São Paulo defende o regime”, em letras pequenas escrito: “Democracia na Praça”. E na última imagem desta seção, estampou-se na capa do Jornal O Globo, “MAIS DE 800 MIL PESSOAS NA ‘MARCHA DA VITÓRIA!’”, e logo abaixo: “Impressionante massa humana transformou a Marcha da Família, Com Deus Pela Liberdade na maior manifestação democrática jamais vista no Brasil e que serviu como demonstração esplêndida do repúdio do povo ao comunismo”.

¹⁴ Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0>>. Acesso em: 01/08/2021.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/marcha-da-familia-reuniu-cerca-de-500-mil-pessoas-na-praca-da-se-em-64,a6bc12d797bd4410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 01/08/2021.



Imagem 10 - *Marcha da Família com Deus*, em apoio aos militares. Jornal do Brasil: Sexta-feira, 20 de março de 1964.

Fonte: [historiaupf.blogspot](http://historiaupf.blogspot.com), 2011.¹⁷



Imagem 11 – “*Marcha da Vitória*”, Rio de Janeiro, 02 de abril de 1964.

Fonte: Jornal O Globo, 03 de abril de 1964.¹⁸

¹⁷ Disponível em: <<http://historiaupf.blogspot.com/2011/03/19-de-marco-de-1964-marcha-da-familia.html>>. Acesso em: 01/08/2021.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/vida-militar-191883>>. Acesso em: 02/08/2021.

De acordo com Presot (2004), as *Marchas da Família com Deus pela Liberdade* formaram um quadro multifacetado à medida em que cada uma delas apresentavam especificidades culturais e políticas dos locais onde ocorriam, buscando ou encontrando um simbolismo cívico e religioso para a criação de um imaginário anticomunista e um discurso legitimador do golpe. A ligação criada com os bens simbólicos da cultura política, como acontecimentos e personagens (heróis) históricos ou bíblicos que marcavam a história nacional, regional ou local, geraram um reconhecimento, uma identificação, atrelando o movimento à própria identidade social local.

Desta forma, as Marchas da Família imprimiram um sentido concreto aos seus protestos a partir da inserção de símbolos e elementos de imaginários sociais diversos; produziram uma identificação coletiva, principalmente por meio do “discurso vencedor” operado nas Marchas, controlando a difusão do seu imaginário e coibindo os imaginários opositores, transformando o discurso em elemento unificador, “[...] travestindo o interesse de um grupo no interesse de todos.” (PRESOT, 2004, p. 107).

Assim, a *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* além de um ato religioso e político, buscava unir uma pauta identitária num contexto de intensa “guerra cultural” sob os auspícios do moralismo conservador e retomada dos valores religiosos para a nação (COWAN, 2021). Neste sentido, mostrou-se como um movimento de grande relevância enquanto ato contestatório e triunfante sobre a crida “ameaça comunista”.

As Marchas tiveram o apoio da ala conservadora religiosa brasileira, das classes médias, do empresariado e de diversos grupos sociais de direita, na busca da conservação da família, moral e dos valores, liderando toda a campanha antes e após o golpe civil-empresarial-militar e auxiliando na propagação do imaginário social do “moralismo anticomunista” no centro da ideologia do regime. Não é por menos que o registro da *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* no Orvil aparece no final do capítulo intitulado “A Revolução Democrática de 1964”, pois foi uma variedade de protestos que ensejou o golpe militar e regozijou com a tomada do poder. Portanto, a Marcha pode ser classificada como expressão do *protesto* e do *triunfo* no que se refere aos temas intrinsecamente defendidos no regime militar.

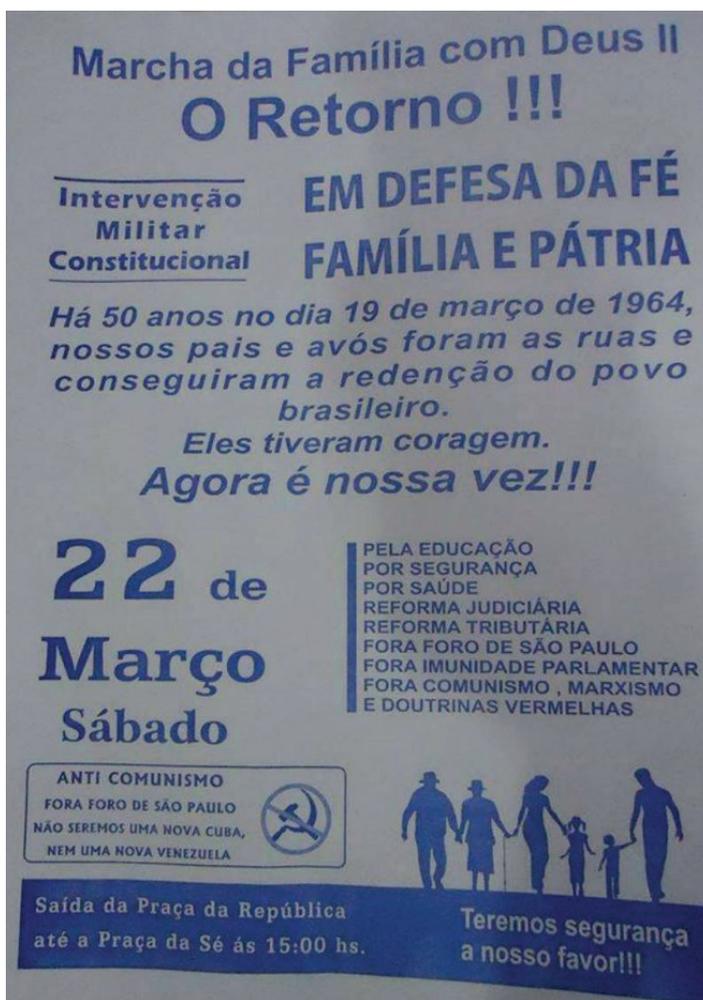


Imagem 12 – O Retorno da *Marcha da Família com Deus*

Fonte: terra.com.¹⁹

¹⁹ Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/grupo-quer-refazer-marcha-da-familia-com-deus-50-anos-depois,b85b5d4332894410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 18/08/2021.

4. A “Marcha da Família Cristã pela Liberdade” como *movimento*

E se o Orvil se trata da busca por legitimação de uma perspectiva (militar e militante) da história do passado, revisitar e reencenar eventos descritos por ele como protestos e movimentos de vitória em favor da “democracia”, seria também uma espécie de legitimar as ações do presente que se assemelhariam àquelas ações. A Imagem 12 reflete bem esse discurso quando afirma sobre o *retorno* da *Marcha da Família com Deus*, elencando defesa de pautas semelhantes àquelas da década de 1960.

Essa interpretação de um *retorno* ganha força e forma de movimento. A ilustração traz a figura de dois idosos que, certamente, estiveram presentes nas primeiras Marchas, agora seguem com as outras gerações anunciando, inclusive, a continuidade através das crianças – ou seja, um movimento que perdurará.

A perspectiva de movimento foi defendida pelos coordenadores nacionais da Marcha da Família no ano de 2020. A *Marcha da Família com Deus* foi alterado para *Marcha da Família Cristã*, especificando o segmento religioso hegemônico no país. Três nomes surgem como coordenadores ou diretores nacionais do evento. O primeiro, o jornalista Wellington Macedo que, em seu perfil do *Instagram* (@jornalistawellingtonmacedo), apresenta-se como o “fundador da Macha da Família Cristã pela Liberdade” e “jornalista conservador”. O segundo, Artur Jocteel, que se apresenta em suas redes como “cristão conservador”. Por último, Lúcio Flávio Rocha, que foi candidato a prefeito de Aracajú-SE pelo AVANTE. Identifica-se como “Empresário, Marketeiro, Liberal/Conservador”.

Vejamos abaixo as ações dos supracitados coordenadores quanto à Marcha da Família Cristã:

a) O jornalista Wellington Macedo: Em 2021, alterou parte de sua apresentação para “jornalista defensor dos direitos da criança e do adolescente” e termina divulgando sua Chave Pix²⁰ para receber apoio financeiro. Em campanha nas eleições municipais de 2020 candidatou-se como “O vereador do Bolsonaro em Sobral” e postou no dia 12 de novembro, em seu perfil do *Facebook*, a seguinte mensagem:

CRISTÃOS NÃO VOTAM EM CANDIDATOS COMUNISTAS

Faça uma avaliação e pesquise sobre a vida do seu candidato, procure votar no prefeito e vereador que tem compromisso com os *preceitos da família, conservador, que é contra a ideologia de gênero nas escolas, que protege crianças e que tem amizade com o presidente Bolsonaro*.²¹ (Grifos nossos)

As características que aponta como um candidato ideal constituem a pauta-base da Marcha que ganha, a partir de 2020, um novo status: de *movimento*. Isso não altera o princípio de *protesto e triunfo*, pois no primeiro evento, ocorrido no dia 11 de abril (Imagem 13), Macedo postou em seu *Instagram*: “Vamos marchar e enfrentar o nosso *inimigo* em nome do Senhor Jesus” (grifo nosso). Esse “inimigo” está relacionado com as pautas classificadas por ele como ideologias comunistas, já presentes na Marcha de 1964 e esboçadas durante sua candidatura em Sobral. Para o segundo evento, em 15 de maio (Imagem 14), citou a passagem bíblica de Êxodo 14,15: “Então disse o Senhor a Moisés: Por que clamas a mim? *Dize aos filhos de Israel que marchem*” (grifo nosso). O novo Israel seriam os cristãos conservadores e defensores de um comportamento moral associado ao presidente eleito Jair Messias Bolsonaro (Imagem 15). Por isso, Macedo buscou mobilizar várias cidades para a Marcha: “Vamos dar o sinal verde para o presidente” – e isso, através da participação no evento.

²⁰ Chave pix é um sistema de pagamento, depósito, transferência financeira entre bancos e aplicativos onde não há taxa de cobrança pela transação.

²¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/jornalistawellingtonmacedoo/>>. Acesso em: 16/07/2021.



Imagem 13



Imagem 14

Fonte: Instagram: @jornalistawellingtonmacedo



Imagem 15 – Marcha da Família pró Bolsonaro com Deus

Fonte: odia.com.²²

Torna-se importante nesse processo observar como a logo da Marcha da Família esteve presente em várias outras postagens, como: intervenção militar; defesa do agronegócio; chamadas para dias de oração pelo país e pelo presidente; manifestação e oração contra o comunismo e crítica ao Supremo Tribunal Federal (STF); imagens que associam bandeira do Brasil com a bandeira de Israel; voto auditável e impresso.²³ Esse

²² Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/06/5929995-copacabana-tem-manifestacoes-contrarias-e-de-apoio-ao-governo-bolsonaro.html>>. Acesso em: 18/08/2021.

²³ Todas essas imagens podem ser acessadas a partir do *Instagram* @marchadafamilia.

tipo de presença demarca a Marcha para além de seu contexto nas ruas. Ele é um movimento que ganha as redes, participa de debates e inúmeras *lives* promovendo suas pautas conservadoras e críticas ao comunismo, a partidos e políticos de esquerda, movimentos e grupos inclinados às pautas progressistas.

b) Artur Jocteel: Em relação ao primeiro dia da Marcha da Família (2020) reproduz no *Instagram* (@Arthur_Jocteel):

GRUPOS RELIGIOSOS ARTICULAM MOBILIZAÇÃO EM FAVOR DA DEMOCRACIA
QUEM IMAGINARIA QUE A MARCHA DA FAMÍLIA COM DEUS PELA LIBERDADE VOLTARIA A
ACONTECER?

Os sucessivos *lockdowns* que restringem as *liberdades fundamentais* e alimentam a *corrupção* durante a pandemia se tornaram o combustível para eclodir *um novo movimento no país*. Agora com um novo nome – MARCHA DA FAMÍLIA CRISTÃ PELA LIBERDADE – a sociedade civil, encabeçada por *movimentos religiosos, católicos e evangélicos*, está se mobilizando para grande manifestação nacional agendada para o dia 11 de abril.

A história do país registra uma série de manifestações organizadas espontaneamente por setores da *igreja católica* e por *entidades femininas*, acabou com os planos do *regime comunista* que tentava se implantar no Brasil. *A releitura da nova marcha prevê o mesmo apelo Cristão*, em contraponto a princípios de restrições de liberdades individuais e religiosas.

A interferência e controle das missas, cultos, incluindo o fechamento de templos religiosos em algumas cidades, tem sido alvo de muita indignação junto às famílias cristãs no país. Além disto, muitos pequenos comerciantes têm sido humilhados por alguns agentes de segurança, tendo feridos os seus direitos mais fundamentais. Estes fechamentos indiscriminados do comércio e serviços essenciais, têm provocado o crescimento exacerbado da pobreza e destruído muitas famílias brasileiras. [...]

A IDENTIDADE DO MOVIMENTO

A pauta da Marcha é conservadora, ligada a valores cristãos, a pátria, alinhados a família e a liberdade.

Nesta postagem, a “releitura” da Marcha é classificada como um “novo movimento”. Esse movimento seria uma resposta crítica a alguns temas discutidos no período da pandemia causada pela Covid-19. O primeiro deles é o *lockdown*, protocolo de isolamento adotado por Governos do Estado a fim de controlar o contágio do vírus. O presidente Bolsonaro, que desde o princípio demonstrou postura negacionista, sendo contra medidas protocolares de segurança (não utilizando máscaras, promovendo aglomeração) e vacinas, criticou governadores e os responsabilizou por danos no âmbito da economia causados ou acentuados pelo *lockdown*, como desemprego e fome.

A corrupção também seria “alimentada” pelos *lockdowns* por governadores não alinhados com as pautas do presidente. Outro ponto abordado na postagem são os fechamentos de templos religiosos durante a pandemia, uma vez que não foram interpretados como serviços essenciais. A Marcha trata a reabertura das igrejas como direito de liberdade religiosa. Por fim, tudo isso seria o que foi chamado de “combustível para eclodir um novo movimento no país”, a *Marcha da Família Cristã pela Liberdade*. A liberdade desse movimento, portanto, defende os pontos destacados acima e define a identidade do movimento como “conservadora, ligada a valores cristãos, a pátria, alinhados a família e a liberdade”.

c) Lúcio Flávio Rocha: Em seu *Instagram* (@luciofmrocha) postou a imagem icônica da Marcha da Família (Imagem 1) e colocou como legenda:

Em um passado não muito distante, o povo brasileiro invadiu as ruas dizendo *NÃO à ameaça do comunismo*. E disseram SIM aos valores ligados às palavras: “*Deus, Família e Liberdade*”. Naquela época, Deus ouviu o clamor do povo brasileiro. Desta vez não será diferente. *Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente*. Dia 11/04, todos nas ruas novamente para a Marcha da Família Cristã pela Liberdade.

#DigaAoPovoQueMarche (Grifos nossos)

Em outras ocasiões:

Uma *releitura* da incrível Marcha que marcou a história do Brasil em um passado não muito distante.

Essa data vai ficar *registrada* pra sempre nos *livros de história* do Brasil [...].

O povo foi às ruas e *Deus mudou a história*. Você sabia que a História registra um ato em que o povo brasileiro foi às ruas, pedir a Deus que não permitisse que nos tornássemos um *país comunista e ateu*? Pois é. Deus ouviu o clamor da nação. Diante de tempos tão difíceis que estamos *vivendo hoje*, é hora dos cristãos fazerem isto novamente. Cumprindo todos os protocolos, retornaremos às ruas em carreta na *reedição* da Marcha da Família Cristã pela Liberdade, no dia 11/04. Venha fazer parte deste *marco espiritual na história do Brasil*.

#DigaAoPovoQueMarche (Grifos nossos)

Um marco comum para a formação de um povo é a criação de um inimigo comum (LACLAU, 2018). Neste plano, o comunismo ateu surge e ressurge na história, de acordo com a pauta da (extrema)direita como o inimigo a ser combatido. E quem frustra os planos de uma ditadura comunista é o próprio Deus, como registrado “nos livros de história do Brasil”, conforme a postagem acima. Deus teria mudado a história da nação a partir do momento em que “o povo foi às ruas”. Esse povo está *cimentado*, em termos laclauianos, por demandas e inimigos comuns. E nessa “releitura”, “reedição” da Marcha, uma observação: “Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente”. A citação bíblica busca fortalecer a ideia teológica na política de que a divindade sempre estará contra a “ameaça comunista” e em favor dos “valores cristãos”. Em nossa interpretação, diante dessa ação atemporal de Deus crida por grande parte da igreja católica (e também evangélica), a Marcha vem a reboque como um *movimento* que perdura e perdurará nas ruas esperando a mudança na história do país.

Importante ressaltar que movimentos de ideias cujo intento, em algum momento, busca atingir um status que lhe permita influenciar politicamente o rumo de uma sociedade, necessita, em alguma medida, conter em si os elementos estruturantes de uma tese e de uma antítese, como sentenciou Festa (2000). Se Halbwachs enfatiza a força dos diferentes pontos de referência que estruturam nossa memória e que a inserem na memória da coletividade a que pertencemos, para Pollack, a memória enquanto operação coletiva dos fatos e das interpretações do passado que busca a preservação, soma-se às tentativas conscientes ou não de definir e reforçar sentimentos. Sentimentos estes de pertencimento e fronteiras sociais de diferentes coletividades: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc.

Um projeto que busque no passado uma referência serve “para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLACK, 1989, p. 10). Pollack chama esse empreendimento de um “enquadramento da história”. Reforçamos a hipótese de Rocha (2021), embora com outras categorias, que o projeto Orvil se trata de um enquadramento de memória, no sentido de propor uma revisão da história e fornecer um quadro de referências e de pontos de referência que legitimem seus ideais e práticas.

Festa (2000) também sustenta a tese de que o Orvil tenha sido a pedra fundamental de um momento amplo responsável pelo fornecimento de discursos políticos voltados a si próprio e para diversos outros campos sociais, ou seja, necessidades internas e externas do campo político.

Considerações finais

Como destacamos, os elementos religiosos ajudam a sustentar a narrativa de uma reconstrução da história e servem como pontos de referência para um enquadramento de memória. No passado, a Marcha com Deus foi uma estratégia da direita no Brasil a fim de propor uma uniformidade sagrada em relação aos temas que ligam “Deus, Pátria e Família”. Já a reencenação durante o governo de Bolsonaro, ocorre diante da velha chama da “ameaça comunista”. No passado, segundo o Orvil, foram quatro tentativas de tomadas do poder. A última dessas tentativas seria a mais perigosa: a infiltração nas instituições, em especial na cultura,

com intuito de moldar uma mentalidade diversa e propícia ao advento do comunismo que viria, desta vez, pelas eleições e não mais pela luta armada.

O cenário das eleições de 2018, com recortes discursivos e *memes* que *viralizaram*, demonstra, principalmente na esfera da religião, o quanto essa estratégia obteve resultado para os fins destinados. Quantos grupos não justificaram seu voto com base no medo de verem seus filhos terem contato com supostos “kit gays” e uma pedagogia sobre “ideologia de gênero”? Sendo estas uma das doutrinas comunistas com o fim de criar uma “balbúrdia” nas escolas e universidades; além disso, trazer desgastes ainda maiores às instituições tradicionais (família, escola, forças armadas), sobretudo a religião, representada exclusivamente pela igreja cristã. E a família é uma forte instituição utilizada no discurso para coordenar ações contra o que pode ameaçar um governo conservador.

Reacende, portanto, o elemento da moral familiar a partir das discussões sobre “identidade de gênero” e outros formatos familiares, comunidade LGBTQIA+ e seus direitos, feminismo, kit gay, mamadeira *fállica*. Essas são pautas morais em que grande parte da população cristã se interessa em debater. E para isso, o movimento parece estar inclinado a eleger personalidades na política cujas características sejam próximas as de um *salvador da pátria*. Talvez não seja ainda possível afirmar, mas a Marcha, como um movimento conservador, deixa de ter a igreja católica como protagonista e busca equalizar seus discursos através da representação política em um só indivíduo. Por ora, sente-se devidamente representada pelo Governo de Messias Bolsonaro.

Referências

ALVES, Camile Kogus; STANCKI, Rodolfo. **Jogo de notícias**: uma análise de *newsgames* políticos brasileiros. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI, 2015. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0913-1.pdf>>. Acesso em: 10 ago.2021.

CORDEIRO, Janaína Martins. **A Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo**: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. Rev. Hist. (São Paulo), n.180, p. 1-19, 2021.

COWAN, Benjamin A. *O Brasil e a nova direita*. [Entrevista concedida a] Glenda Mezarobba. Pesquisa Fapesp, edição 305, jul, 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/benjamin-a-cowan-o-brasil-e-a-nova-direita/>. Acesso em: 24 de jul. de 2021. Acesso em: 12 ago. 2021.

FESTA, Marcos Vinícius Paludo. O Projeto Orvil e a introdução da guerra cultural no contexto brasileiro. **Educação Contemporânea**, v. 17 Reflexões, p. 36-44, 2021.

HALBWACHS, Maurice. 2003. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

LACLAU, Ernesto. 2018. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o político**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

NASCIMENTO, José Conegundes; MACIEL, Lício. **ORVIL**: tentativas de tomada de poder. São Paulo: Ed. Schoba, 2012.

POLLACK, Michael. Memória e esquecimento. **Estudos históricos**, n.5, p. 14-68, 1989.

PRESOT, Aline Alves. **As Marchas da família com Deus pela liberdade e o golpe de 1964**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

Endereços eletrônicos

19 de março de 1964 - Marcha da Família com Deus pela Liberdade. Disponível em: <http://historiaupf.blogspot.com/2011/03/19-de-marco-de-1964-marcha-da-familia.html>. Acesso em: 12 ago. 2021

Marcha Reage ‘Com Deus’ contra Jango. Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-reage-com-deus-contrajango>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Marcha da família com deus pela liberdade em São Paulo. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/linha-do-tempo/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-sao-paulo/>. Acesso em: 31 jul. 2021.

Copacabana tem manifestações contrária e de apoio ao governo Bolsonaro. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2020/06/592995-copacabana-tem-manifestacoes-contrarias-e-de-apoio-ao-governo-bolsonaro.html>. Acesso em: 11 ago. 2021.

A Campanha da Mulher pela Democracia-Camde. <https://jornalinfocruzeiro.com.br/2019/12/24/a-campanha-da-mulher-pela-democracia-camde/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Marcha da Família com Deus pela Liberdade pedia queda de Jango há 50 anos. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Os carrascos do Araguaia e os de hoje. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Cinema/Os-carrascos-do-Araguaia-e-os-de-hoje/59/47555>. Acesso em: 10 ago. 2021.

1964 - A “Marcha da Família com Deus pela Liberdade” E A “Marcha da Vitória”. **Disponível em:** <https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/vida-militar-191883>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Jornalista Wellington Macedo. Disponível em: <https://www.facebook.com/jornalistawellingtonmacedoo/>. Acesso em: 12 ago. 2021.

‘Se virem. Não colaboro com inimigo’, diz militar à Comissão da Verdade. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/participacao/noticiasmidia/direitos-humanos/1101-se-virem-nao-colaboro-com-inimigo-diz-militar-a-comissao-da-verdade>. Acesso em: 11 ago. 2021.

Portal da História: Os idos de março. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2020/03/portal-da-historia-os-idos-de-marco-por-luiz-holanda/>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Convocação para “MARCHA DA FAMÍLIA com Deus Pela Liberdade” 29 de março de 1964. Disponível em: <https://www.marciopinho.com.br/peca.asp?Id=3927925#simple1>. Acesso em: 10 ago. 2021.

Grupo quer refazer Marcha da Família com Deus 50 anos depois. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/grupo-quer-refazer-marcha-da-familia-com-deus-50-anos-depois,b85b5d4332894410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 09 ago. 2021.

Marcha da Família reuniu cerca de 500 mil pessoas na praça da Sé em 64. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/marcha-da-familia-reuniu-cerca-de-500-mil-pessoas-na-praca-da-se-em-64,a6bc12d797bd4410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 09 ago. 2021.

Submetido em: 14-3-2022

Aceito em: 25-9-2022